

**Quando o dispositivo é a própria enunciação.
Leitura do livro *Para uma Poética do Hipertexto – A ficção interactiva*,
de José Augusto Mourão (Lisboa, Edições Universitárias, 185 pp., 2001)**

Rafael Paes Henriques*

As novas tecnologias da comunicação colocaram em evidência uma forma particular de relação com as mensagens que traz significativas alterações tanto para quem elabora, como também para quem recebe os conteúdos. Isso significa que estamos diante de uma maneira particular de escrita e de leitura que reconfigura duas instâncias do processo comunicativo. Os textos electrónicos são o lugar de expressão máxima dessa prática discursiva específica, cuja singularidade é a hipertextualidade. Essa forma de organização causa uma transformação radical porque cria uma nova possibilidade de discurso que não opera mais a partir de valores convencionais como direcção, ordem, hierarquia, justaposição, sequencialidade e unidade de leitura.

Ao invés de estar fundado na linearidade – como os textos convencionais –, o hipertexto é uma forma de expressão e leitura que funciona em outras bases: por analogia ou por associação de ideias. A partir de «[...] um sistema interactivo que permite construir e gerar laços semânticos entre objectos reconhecíveis num conjunto de documentos polissémicos» (p. 45), o hipertexto dá, ao leitor, a oportunidade de estabelecer, por si próprio, as ligações; permite que ele também produza os sentidos, escolha as direcções. Quem lê define os elos, já que, de acordo com a própria vontade, pode “pular” de um bloco de texto ao outro. Quem escreve procura mais abrir do que fechar trilhas.

Dessa maneira, o hipertexto é o lugar do discurso polifónico, da significação plural e da multiplicação dos caminhos possíveis. Nele «[...] já não lemos *um* texto, nem ouvimos *uma* sequência sonora nem vemos mais *uma* sequência de imagens em continuidade: “navega-se” e cada uso constitui um percurso singular» (p. 98). A ideia de que um texto pode dar conta da totalidade da experiência perde lugar. Com efeito, ganha-se «[...] um novo sentido do estatuto da palavra e do texto, do autor e do leitor, que configura e estrutura a emergência de novas formas» (p. 13).

Para uma poética do hipertexto – A ficção interactiva, de José Augusto Mourão, reúne essas e outras reflexões sobre o hipertexto e as suas implicações, principalmente na ficção/literatura. Trata-se de uma reunião exaustiva de elementos de vários estudos que se ocuparam de tentar entender essa possibilidade discursiva própria e singular. Mourão desenvolve problemas que são apontados como fundamentais nessa organização textual. É que, diante de novas configurações, não são poucos os que se levantam para proclamar o fim dos antigos paradigmas. Fala-se da morte do texto, da lingua-

* Mestrando em Ciências da Comunicação – Informação e Jornalismo, Universidade do Minho. rafaelpaesh@gmail.com

gem escrita, da autoria e também da crítica. Mas «O horizonte das coisas humanas não é o fim mas o devir, a transformação» (p. 107). Portanto, na realidade, a tarefa torna-se mais produtiva, na medida em que se tenta compreender as metamorfoses causadas por essa nova forma de escrita e leitura.

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que a lógica do hipertexto se adapta e se desenvolve muito bem na Internet, um meio que – como o próprio nome diz – funciona em sistema de rede. Porém o texto electrónico não inaugurou a hipertextualidade, posto que ela «não está intimamente ligado [a] a tecnologia, ao conteúdo ou ao *medium*. É uma forma organizacional que pode ser transmitida tão rapidamente sob forma impressa como electronicamente» (p. 51). Prova disso é que, para escrever essa recensão, eu mesmo utilizei a estrutura do hipertexto em um bloco de papel. Durante a leitura fiz várias anotações e retirei pequenos fragmentos da obra, cujas associações e analogias foram elaboradas por mim. Minhas anotações e as transcrições de trechos distintos do livro são uma forma hipertextual de organização das ideias no papel. Transformam o discurso linear do texto inicial, em hipertexto.

Mas afinal o que implica essa nova forma discursiva? O ponto principal é que «O texto deixou de ser fixo, numérico, ganhou asas no interior de um dispositivo electrónico, interactivo, modificando-se por isso as instâncias que presidiam à sua constituição de coisa escrita» (p. 108). Assim, nessa fecunda possibilidade discursiva, já não se comunica a ideia de uma experiência qualquer, mas se comunica a própria experiência. O hipertexto é uma espécie de prática da própria vivência; é um refazer, nas mesmas medidas, o próprio acontecimento. No hipertexto, o dispositivo é a própria enunciação; a forma como se diz é o próprio dizer. Isso posto, é possível afirmar que essa forma textual não se restringe a mera representação. «O que de facto está em causa é a transfiguração da experiência através da incessante reelaboração da medialidade» (p. 58).

Nesse ambiente, não há mais lugar para se procurar um sentido primeiro que subsistiria aos textos. «Falar de textualidade implica que os discursos e a “literatura” não têm essência final, que nada têm de próprio, nem discursividade, nem nada que se possa qualificar de literalidade ou literariedade *como tal*» (p. 97). É o fim da arbitrariedade das definições de significados intrínsecos, e também da procura das intenções do autor. «[...] o hipertexto é mais verbo do que substantivo, mais acerca do *fluxo* da execução, é uma *reformulação* mais do que uma forma... [...]» (p. 76). Está-se a comunicar o movimento, o fluido e a multiplicidade em detrimento de uma única significância.

Como consequência poder-se-ia concluir que o autor morreu. Só que, de facto, foi a ideia tradicional de autor que se esvaiu, no contexto dessa nova discursividade. «A chegada do hipertexto não é uma declaração peremptória da morte do autor. O autor não morreu, transformou-se em fazedor de espaço, navegador» (p.113). Na verdade, o autor mudou de lugar, deslocou-se e não ocupa mais um sítio de tanto destaque como ocupava. Isso porque nas formas discursivas tradicionais, cabia somente aos autores o estatuto de sujeitos activos. Ao leitor, cabia a passividade de seguir a linha e a hie-

rarquização de quem havia escrito. O hipertexto muda o modo de apresentação das obras e reequilibra essa estrutura; descentraliza a ideia de autor e abre a possibilidade ao leitor de decidir sobre o rumo que vai ser seguido e as conexões – no sentido literal e, conseqüentemente, as conexões semânticas – que vão ser realizadas. «Agora, com as novas tecnologias, seremos nós a criar as novas embalagens, fazendo a soberania sobre o texto» (p. 66).

Fica por responder qual seria o lugar da crítica nesse novo ambiente discursivo explorado pela literatura de ficção. Tradicionalmente, o crítico é o revelador do texto originário das obras analisadas. Mas, uma vez que não há razão para procurar significados “ocultos” no hipertexto, a crítica precisa encontrar um novo espaço, um novo fazer. A chave para a questão é que «[...] encontrar exactamente aquilo que se procura não é ler, mas sim descodificar» (p.79). E no meio hipertextual não cabem descodificações. Mourão vai buscar a resposta para a nova função da crítica em Lentricchia: «Uma nova tarefa nunca acabada e aporética incumbe agora ao crítico: descentrar o texto, abrindo-o a outros textos, disseminar, dinamitar os horizontes semânticos da textualidade» (p. 128). Se é assim, as fronteiras que separavam a crítica da criação literária – que nunca foram muito claras – ficam ainda mais frouxas, com fragilidade mais aparente. O crítico incumbe-se de refazer o percurso, recriar, realizando um – ou mais – dos sentidos possíveis dos textos. Uma tarefa e tanto.